

O Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)

Campanha de escavações de 1964

Deste castro, situado entre Travassos da Chã e S. Vicente da Chã, no concelho de Montalegre, já nos ocupámos (S. J.) em duas notícias publicadas nos «Trabalhos» da nossa Sociedade de Antropologia (1).

A escavação inicial foi feita com um subsídio generosamente concedido à Sociedade Portuguesa de Antropologia pela Empresa Hidroeléctrica do Cávado (HICA), que concedeu também outros auxílios, nomeadamente em transportes, instalações e ferramentas.

Na campanha de 1964 a HICA continuou a conceder estes últimos auxílios, bem como o pessoal técnico para o levantamento topográfico do castro.

Mais uma vez testemunhamos o nosso agradecimento à Empresa Hidroeléctrica do Cávado pelas ajudas prestadas.

*

A campanha de 1964 foi feita de 4 a 13 de Agosto apenas com 8 trabalhadores rurais, 6 homens e 2 mulheres.

A escassez de tempo e de pessoal não permitiu que realizássemos o trabalho que havíamos planeado. Esperamos, contudo, que numa próxima campanha possamos dispor de meios para desenvolver o plano de reconhecimento e valorização deste interessante castro.

Muralhas

Como se disse em trabalho anterior o castro estava defendido por uma tríplice linha de muralhas.

À que se situa quase no sopé do cabeço chamou-se a primeira muralha. É bem patente na encosta do lado poente onde

(1) Santos Júnior, *O Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1963, vol. XIX, fasc. I, págs. 79 e 80.

Santos Júnior & Agostinho Isidoro, *Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*, id., id., id., fasc. II, págs. 178 a 186 e 11 figs.

existem pequenos troços formados por pedras bem justapostas e primorosamente facetadas (figs. 3 e 8).

Acima desta muralha, e dela separada uns 20 metros, existe a 2.^a muralha (figs. 4 e 8).

A terceira muralha, cimeira, corre a uma distância variável da anterior: uns 15 metros na vertente do lado oeste e uns 55 a 60 metros na encosta voltada a nascente.

Qualquer destas muralhas entronca, aqui e além, com fragas que afloram nas vertentes.

As escavações da presente campanha incidiram sobretudo na definição da primeira e da terceira muralhas.

Primeira muralha

Tomando como referência alguns restos da muralha, patentes na vertente noroeste — do lado do lameiro do Castro, restos reduzidos, alguns deles, às primeiras fiadas acima do alicerce — pusemos a descoberto o seu alinhamento numa extensão de cerca de 40 metros.

No extremo norte desta escavação deparámos com uma solução de continuidade que esquematizamos na fig. 1.

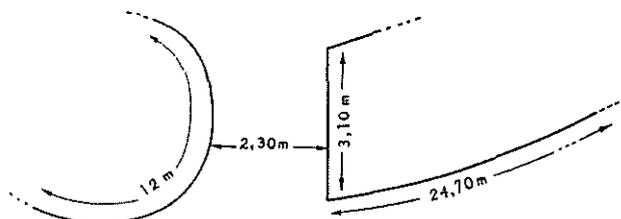


Fig. 1 — Porta da 1.^a muralha no extremo norte.

Supomos tratar-se de uma porta que, como mostra o esquema tem a particularidade de apresentar um dos flancos rectilíneo e o outro em curva muito pronunciada. Este alinhamento encurvado foi posto a descoberto numa extensão de 12 metros. Perde-se depois em ambos os extremos sem que possamos sequer prever que continue em alicerce profundo.

O alinhamento referido situava-se a grande profundidade sob uma grande acumulação de terra e pedras soltas. A remoção destes materiais, por ser difícil e morosa, impediu que insistíssemos na pesquisa dos alicerces da continuação deste troço arqueado da muralha.

O tipo de construção desta porção da primeira muralha apresenta um aspecto singular, que poderemos talvez classificar de *opus incertum* de grandes pedras, como bem mostra a fotografia da fig. 3.

Segunda muralha

São escassos os restos desta muralha, destruída quase até ao rés da terra.

Limpou-se o seu alinhamento numa extensão de 15 a 20 metros. A fig. 4 mostra que a sua destruição foi quase até ao alicerce.

Terceira muralha

Na 1.^a campanha, realizada em 1963, fez-se uma escavação de prospecção para o reconhecimento rigoroso do alinhamento desta muralha. O trabalho efectuado mostrou que a largura desta espessa muralha variava de 3,40 metros a 5,60 metros. Deparou-se com uma rampa de acesso implantada no lado interno, um pouco antes da porta.

Na campanha deste ano desobstruiu-se esta porta que apresenta uma largura de 2,45 metros.

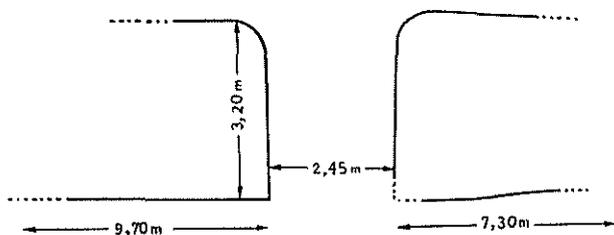


Fig. 2 — Esquema da porta da 3.^a muralha.

Com as pedras que apareceram na remoção da terra que a tapava por completo refizemos parcialmente esta porta a uma altura de cerca de 1,50 metros (fig. 5).

A face do lado Norte, a que nesta figura se encosta a enxada, tem o cumhal exterior em esquadria e o cumhal interno arredondado (fig. 2 e fig. 6).

A face oposta, isto é, a do lado Sul, estava destruída completamente no seu cumhal externo (fig. 2).

Não encontramos o menor vestígio de alicerce neste ponto; todavia é de crer que este cumhal fosse também em esquadria,

como o correspondente na outra face. Foi esta suposição que nos orientou na sua reconstrução.

A reconstrução da porta foi feita, como dissemos, até uma altura de cerca de 1,50 m, para conveniente arrumo das pedras que apareceram junto da mesma. Para que a todo o tempo se possa, com segurança, reconhecer o que se refez, uma tira de cimento separa do primitivo e «in situ» a porção que se reconstruiu com as pedras que iam aparecendo.

Casas

Às 7 casas que haviam sido anotadas na campanha de 1963, juntamos mais 6, 4 circulares e 2 rectangulares.

Procedemos à escavação das casas 8 e 9, a primeira circular e a segunda rectangular.

Registe-se que apenas escavámos metade de cada uma destas casas, tomando como referência a linha nascente-poente.

Espólio

A terra retirada das metades das 2 casas escavadas foi cuidadosamente crivada. Não forneceu, contudo, qualquer objecto de interesse, nem um simples fragmento de cerâmica.

Nas terras removidas durante a pesquisa dos alinhamentos das muralhas e das portas que nelas se abrem, apareceram escassos fragmentos de cerâmica castreja de vários tipos, a saber: fragmentos de cerâmica de pasta negra, outros de pasta castanha e vermelha e alguns, com uma das faces negra e a outra vermelha. A maior parte é de pasta grosseira, granosa e micácea e só alguns, poucos, são de pasta fina e brunida ou gogada. Raros são os fragmentos com ornamentação incisa e só um apresenta ornamentação estampada.

Regista-se ainda o aparecimento de alguns fragmentos de barro não cozido com sulcos que lembram moldes produzidos no contacto com estacaria. Muitos destes fragmentos apresentam uma face lisa e branca resultante de um reboco aplicado à mesma.

Acrescentaremos ainda o aparecimento de algumas escórias, bolotas encarbonizadas e algumas peças de ferro muito oxidado. Entre estas últimas destaca-se um machado de ferro de talão e de gume em crescente com as pontas reviradas em sentidos contrários. Deste modo o gume apresenta-se como um S muito estirado. Peça estranha de que não conhecemos similar.

Lenda

As lendas e tradições referidas em trabalho anterior (1) acrescentaremos a seguinte, colhida por um de nós (O. F.) no decurso da campanha de 1964.

Um dos trabalhadores informou que as pessoas idosas, mormente as velhas, recomendam aos rapazes e raparigas que vão ao Monte do Castro apascentar os gados, e de modo muito especial aos trabalhadores rurais que colaboram na escavação, que mal vejam alguma coisa (referem-se a mouras encantadas) se afastem apressadamente, tendo o cuidado de ir rezando a Salve-Rainha «ó pa trás».

Conclusões

A zona escavada é ainda relativamente pequena e o espólio não tem sido abundante. No entanto este castro apresenta algumas características dignas de registo. Assim, é notável o estranho monumento arqueológico que o povo denominou *caldeira do tesouro* (figs. 9 e 10), já sucintamente descrito em trabalho anterior.

Na campanha de 1964 julgamos merecer especial referência as porções de barro não cozido com faces lisas rebocadas a branco e com sulcos que lembram moldes produzidos no contacto com estacaria.

A confirmar-se esta hipótese será de admitir a existência de casas feitas de pau-a-pique no género das palhotas de muitas regiões africanas.

Outro facto que merece especial referência é o que se refere ao aparecimento do machado de ferro de talão com gume em crescente e asas reviradas.

É ainda muito pequena a área escavada, mais em prospecção do que propriamente em pesquisa sistematizada.

Pelo que deste castro já se conhece, não será ousado afirmar que se apresenta merecedor de uma ampla campanha de trabalhos de escavação. Limitar-nos-emos no entanto, mau grado nosso, a prosseguir no estudo deste castro de acordo com as modestas disponibilidades das nossas verbas, isto é, lentamente mas com persistência e continuidade.

(1) Santos Júnior & Agostinho Isidoro, *Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*, cit., págs. 184 e 185.

Como já dissemos em trabalho anterior, a escavação sistemática de um castro tem sempre interesse, e é de crer que a deste forneça elementos de certa valia para o estudo da cultura castreja trasmontana.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», Março de 1965.

SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antrop. da P. C. da Univ. do Porto

e

OSVALDO FREIRE

Assist. da Fac. de C. da Univ. do Porto